

AINDA TOLSTOI

BORIS SCHNAIDERMAN

Tchekhov escreveu: "Acordo todas as noites e leio "Guerra e Paz". O livro se lê com tamanha curiosidade e uma surpresa tão ingenua como se fôsse a primeira leitura. E' admiravel. Só não gosto das partes em que aparece Napoleão. E' só ele surgir, e há logo qualquer coisa de forçado e toda especie de artimanhas para mostrá-lo mais estúpido do que ele foi na realidade. Mas tudo o que fazem e dizem Pierre, o principe

SUMARIO

Oliveiros Litrento:
AS NEVES DO KILIMANJARO

Willy Lewin:
JAMES THURBER

Boris Schnaiderman:
AINDA TOLSTOI

Luigi Zanotto:
DESENHO

Pag. 1

RESENHA BIBLIOGRAFICA

Adolfo Casais Monteiro:
PARADOXOS INEVITAVEIS

Wilson Martins:
ARTE MODERNA

Pag. 2

Helena Silveira:
O DESTERRO (Conto)

Alcantara Silveira:
LEDORES E LEITORES

João Gaspar Simões:
GOETHEE E TOLSTOI

Livia Camerini:
DUAS LIRICAS (Poesia)

Pag. 3

Domingos Carvalho da Silva:
EPIGRAMA E SATIRA

Rolmes Barbosa:
A SEMANA E OS LIVROS

Paulo Hecker Filho:
O VERBO: QUE DÉ O
EDIFICIO?

Rolando Morel Pinto:
DRAMA E NATUREZA

Pag. 4

Clovis Garcia:
OS MELHORES DA BIENAL

P. E. Sales Gomes:
O CINEASTA MAIAKOVSKI

José da Veiga Oliveira:
ROTEIRO CAMERISTICO

Pag. 5

Lourival Gomes Machado:
O LEÃO VIAJA

Aracy Amaral:
A BIENAL SE ORGANIZA
ASSIM...

Pag. 6

Andriéi e o de todo insignificante Nicolai Rostóv é bom, inteligente, natural e tocante..."

Não parece difícil compreender esta idiosincrasia de Tchekhov em relação ao Napoleão apresentado por Tolstói. Segundo parece, ele queria um Napoleão histórico e psicologicamente exato. Apesar de toda a sua sutileza ao desvendar o mundo interior dos personagens, do seu inconfundível dom poético, Tchekhov procurava sempre tratar o subjetivo em termos objetivos. Um tipo que aparece em sua obra deve ser exato não só em relação ao mundo criado pelo autor, mas também em relação ao mundo real. E, com semelhante concepção, é realmente difícil aceitar o Napoleão de Tolstói. Esta figura era a personificação de uma idéia, de algo muito importante para o romancista, e sem o qual a epopéia não poderia ser escrita, mas o ponto de partida constituía uma atitude crítica e filosófica totalmente diversa da abordagem de Tchekhov em relação aos tipos literários. Na obra tchekhoviana, estes não deixam de refletir opiniões do autor, ou a sua angústia diante da falta de uma concepção do mundo perfeitamente definida e estruturada, porém a apresentação que disso faz o escritor é sempre de quem procura uma objetivação, uma transmissão em termos de realidade. Os personagens devem falar por si e não ser porta-vozes do autor, e mais de uma vez Tchekhov indignou-se com a identificação, pela crítica, das opiniões dos seus personagens com as suas próprias.

Tolstói, com todo o seu messianismo e doutrinação, tinha também uma preocupação extrema com a realidade histórica e objetiva. No artigo "Algumas palavras sobre o livro "Guerra e Paz", escreveu: "Em todas as partes em que, no meu romance, falam e atuam vultos históricos, eu não inventei nada, mas utilizei materiais, dos quais reuni, no decorrer do trabalho, toda uma biblioteca, que posso citar quando necessário". A sua descrição da batalha de Borodínó foi influenciada por uma pesquisa minuciosa no próprio local. Mas, sem dúvida alguma, todo este trabalho histórico e objetivo se efetuava em função da sua tese, da profunda convicção em relação à sua verdade histórica, que ele procura impor ao leitor. Não importa que seja muito difícil hoje aceitar esta "verdade histórica". No plano da ficção, no esquema do romance, em função da obra como tal, a verdade tolstoiana se impõe. E, em função desta, desse todo admirável da epopéia, a presença do Napoleão tolstoiano é indispensável e imprime à obra o sentido que o au-

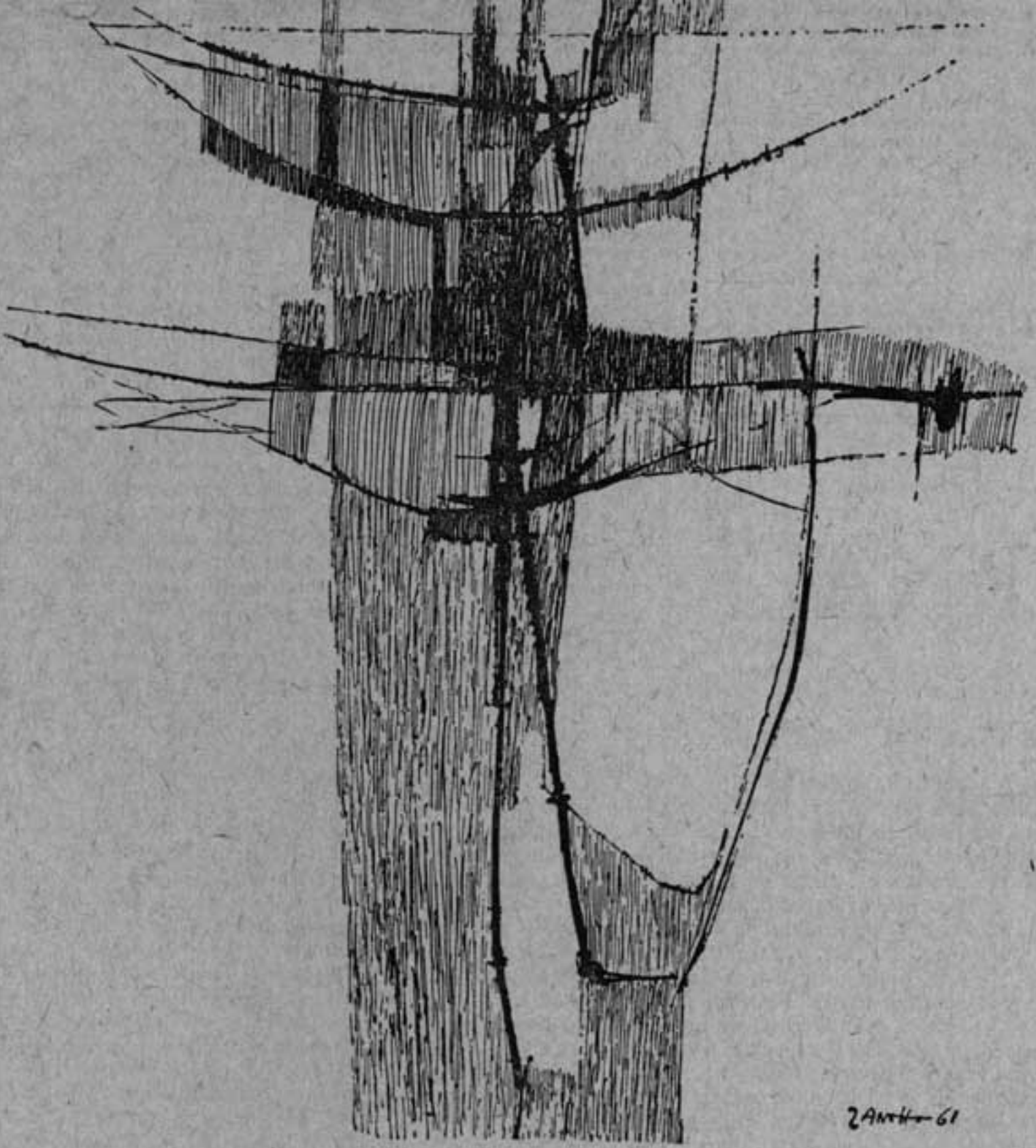
tor queria infundir-lhe. Não podemos considerar "Guerra e Paz" unicamente na base dos quadros da vida familiar e sentimental dos seus personagens ou das descrições de batalhas, desligados da concepção geral. A trama complexa da existencia, em que se movem Nicolai Rostóv, Natacha, o principe Andriéi Bolkónski etc. tem um sentido determinado, e entre as malhas dessa trama estão Napoleão, Kutuzov, os soldados vindos dos quatro cantos da Europa, toda a Russia, com a sua história e a psicologia do seu povo.

Assim como Tchekhov abordou este personagem literário (o Napoleão tolstoiano) para condená-lo, á base de um julgamento objetivo, outros procuram aceitá-lo igualmente á base do que interpretam como sendo a objetividade histórica. Recentemente, surgiu um trabalho importante neste sentido: um capítulo do livro (segundo parece, em fase de impressão) de V. Iermilov, "Tolstói artista e o romance "Guerra e Paz", publicado pela revista soviética *Ogoniók*, em 20 de novembro de 1960, isto é, no quinquagesimo aniversario da morte de Tolstói, e que já tivemos a oportunidade de comentar neste suplemento (1). Depois de mostrar a importancia que apresenta o Napoleão tolstoiano, em função das idéias de Tolstói, e de situar essas idéias no campo mais amplo da evolução do pensamento russo na época, Iermilov escreve: "O romance em conjunto, do começo ao fim, e não apenas nos capítulos histórico-filosóficos e específicos, representa na verdade um poema filosófico, cuja unidade poética é constituída pela afirmação do ideal do artista". Tem-se aí uma forma bem mais elegante que a usual de relacionar diretamente o ético e o estético, vêzo tão corrente na crítica soviética, e de celebrar esta relação, quando realizada mesmo na obra de um escritor com cujas concepções o crítico não concorda.

Aceitando-se ou não o Napoleão tolstoiano como a personificação da mentalidade burguesa (é a tese de Iermilov), não se pode deixar de reconhecer o valor da interpretação, apresentada no referido trabalho, do romance como um todo, uma obra íntegra, e não como um livro com muitos capítulos aceitáveis, mas prejudicado pelo espírito filosofante do autor.

*

O poder de vida e morte que os homens piores de um povo chegam a exercer constituiu de fato uma preocupação constante de Tolstói. Isto se vê claramente, por exemplo, em certas páginas sobre o czar Nicolau I, que



LUIGI ZANOTTO

DESENHO

ele pretendia provavelmente incluir no romance "Khadji-Murat" (que o sensacionalismo de muitos editores ocidentais popularizou com o nome de "O Diabo Branco", título de vários filmes inspirados na obra), mas que ficaram inacabadas. O autor desistiu de concluí-las, provavelmente por ser impossível a sua publicação em pleno regime czarista.

Difícilmente se encontrarão páginas em que a autoridade de um homem sobre os demais seja fustigada com igual virulência. Nelas, Nicolau I aparece no teatro, extasiando-se com as pernas das bailarinas, enquanto dezenas de milhares de pessoas padeciam terrivelmente, por ordem "deste único homem". E ainda: "Centenas de milhares de soldados pereciam em exercícios estúpidos, paradas, manobras, e em guerras ainda mais estúpidas e cruéis contra homens que defendiam a sua liberdade na Polónia, na Hungria e no Cáucaso. Tudo isto se fazia por vontade deste único homem. Indiscutivelmente, era culpado de tudo e não podia deixar de sabê-lo, pois estava a par de que todos estes horrores se pro-

cessavam por sua ordem. Mas, se algo se fazia sem a sua ordem direta, em todo caso ele podia suspendê-lo. E se não o suspendia, não podia deixar de saber que era culpado de todas as atrocidades praticadas. Era incontavelmente culpado desses horrores e, ao mesmo tempo, estava plena e sinceramente convencido de não ser um malfeitor, mas, pelo contrário, tinha-se na conta de benfeitor, que servia com abnegação o seu povo e toda a humanidade. Como se dava isto? Como podia estabelecer-se na alma deste homem essa horrível treva, que o fazia tomar a sua vida de malfeitor por uma obra de abnegação e um exemplo de virtude?"

Examinando a galeria dos antepassados de Nicolau I, Tolstói vê um bando de assassinos, devassos e raparigas analfabetas. Pedro, o Grande, era, segundo ele, um "bebado contumaz, devasso, sífilítico e ateu, que decepava pessoalmente cabeças de *strieltzi* (2), para se divertir", e apresenta-o aparecendo à multidão, tendo nas mãos "uma cruz feita de piteiras em fogo", ao mesmo tempo que "estava abso-

lutamente certo de ser um benfeitor do seu povo".

Essas páginas dão idéia da magnífica epopéia que Tolstói estava planejando quando escreveu "Khadji-Murat", e as dimensões reduzidas do romance parecem, portanto, ter resultado das limitações da censura.

Como se vê, determinadas idéias, que perseguiram Tolstói obsessivamente, e que, na exposição abstrata, faziam-no cair às vezes na monotonia, quando vividas em função de personagens literárias concretas resultavam em páginas de uma riqueza plástica e variedade surpreendentes. Este fato se evidencia particularmente pelos rascunhos de romance, pelas variantes inaproveitadas etc., o que faz pensar nas grandes páginas, por muito tempo ignoradas, que deve conter a edição das obras completas de Tolstói, em noventa volumes, publicada recentemente na Rússia.

(1) Artigo "Viva o mundo inteiro!" — 31-12-1960.

(2) O nome designa corpos de tropa que várias vezes se sublevaram contra Pedro, o Grande. A revolta mais séria (1698) foi sufocada implacavelmente.